

Tesouros de uma Biblioteca

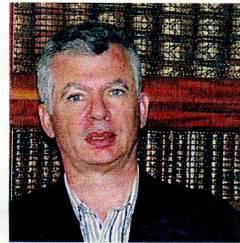
Uma Biblioteca com cinco séculos guarda muitos tesouros. E nem todos são livros impressos. Há manuscritos com ilustrações belíssimas, cuja produção vai desde a Idade Média até, pelo menos, ao século XVII. Nem todos os livros são conhecidos; mesmo quando são concebidos por escritores célebres, alguns, por diferentes motivos, nunca chegaram a gozar dos favores do público.

Seleccionar tesouros na biblioteca da Universidade de Coimbra é tarefa difícil e sempre sujeita a controvérsia (mesmo interior). É necessário, desde logo, começar por colocar de lado muitos deles. Quisemos, desta vez, cingir-nos a tesouros da literatura e da cultura portuguesa dita “humanística”, com exclusão de muitas maravilhas pertencentes à “cultura científica” (para além de primeiras edições raras, a Biblioteca possui exemplares únicos em domínios tão diversos como a cartografia, a botânica, a astronomia ou a medicina, por exemplo). Na esperança de que um dia possa chegar a vez deste tipo de obras, optámos agora por divulgar dois tipos de espécies bibliográficas: livros consagrados como *Os Lusíadas*, *O Crime do Padre Amaro*, *Mensagem* ou *Mau Tempo no Canal* e outros menos conhecidos como *Fado*, de José Régio, texto supostamente destinado a ser emblemático mas que, por motivos vários, não chegou nunca a cumprir esse destino, *Contarelos*, de Irene Lisboa ou *Pequenas Aventuras de um Grande Herói*, de Natália Correia, ambos editados apenas uma vez. Globalmente concebido, o elenco contempla assim livros que o leitor esperaria encontrar e outros que surgem de forma imprevista, ocupando o lugar “marcado” de alguns que, desta vez, não se fazem representar. Nessa medida, mais do que um cânone, a série que agora se publica, pretende ser uma amostra misturada do esperado e do inesperado.

A presente iniciativa (que tem precedentes noutros países) visa dar a conhecer textos que estão fora do alcance do público, na sua materialidade e, em alguns casos, também no seu conteúdo; mas procura ainda alcançar uma outra finalidade: a de suscitar o interesse pelos livros, enquanto objectos que se podem tocar. Num tempo em que se assiste a uma reconversão da base material do processo de leitura (que, algo precipitadamente, alguns tomam por uma superação definitiva do suporte de papel), é necessário lembrar uma das vantagens principais do livro impresso: a sua tangibilidade. É justamente por serem objectos, que

na eventual intenção de Camões ao escrever o poema, no papel que ele desempenhou e continua a desempenhar na história e na sensibilidade de um povo. Mas pode conduzir-nos a outro tipo de perguntas: como se apresenta o volume? Trata-se de uma edição modesta ou luxuosa? Quantos volumes terão sido impressos? Quem custeou a impressão? Porque restam, ainda hoje, cerca de três dezenas de exemplares? Terá algum deles pertencido a Camões? Não conhecemos a resposta para todas essas perguntas mas isso não lhes retira pertinência nem interesse.

Editar 16 livros que reproduzem primeiras edições pareceu-nos uma maneira ajustada de assinalar os 500 anos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Uma biblioteca histórica não serve apenas para conservar património, embora essa seja a sua missão mais nobre.



Uma maneira ajustada de assinalar os 500 anos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Serve também para dar conta dele, mostrando-o, na medida do possível. Pretendendo chegar a um grande número de destinatários, incluindo aqueles que estiverem menos familiarizados com as coordenadas histórico-culturais das diferentes épocas, cada livro será acompanhado por um breve texto explicativo, assinado por um professor universitário. Desse modo, o leitor poderá levar para casa a réplica fiel de um tesouro; mas pode também encontrar forma de o compreender um pouco melhor.

Um livro raro pode suscitar, desde logo, admiração passiva e distante - aquela que normalmente resulta da sua condição patrimonial. Mas nada impede que venha a suscitar também a possibilidade do toque e da leitura. A insubstituível utilidade de uma

os livros são também portadores de uma história externa, de uma vida nem sempre bem conhecida, envolvendo acidentes e acasos. Ter nas mãos o exemplar de uma primeira edição de *Os Lusíadas*, por exemplo, leva-nos a pensar em muitas coisas:

Biblioteca antiga é justamente a de facultar esses dois tipos de proximidade com os livros.

**José Augusto Cardoso
Bernardes** Director da Biblioteca
da Universidade de Coimbra